

**VELAZQUEZ SORIANO (Isabel) e
LÓPEZ-MAROTO QUIÑONES (Sara), [eds.],
*Praxis Epigráfica – Desarrollo en el tiempo y en el
espacio*. Guillermo Editor S. L., Madrid, 2023.
ISBN: 978-84-18981-49-4. 720 páginas, ilustradas.**

RECENSÃO

José d'Encarnação^{a, ©}

^aCentro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património – Universidade de Coimbra
[©]Contato principal: jde@fl.uc.pt

O sugestivo título deste mui denso volume leva-nos a supor que nele iremos encontrar a história de como se têm concretizado os estudos epigráficos, ao longo dos tempos e nos mais variados espaços geográficos: a diversa metodologia usada e experimentada e os resultados obtidos, arvorando-se a Epigrafia como ciência de lugar próprio no contexto das Ciências Humanas, consistente e de vanguarda até.

No fundo, porém, depressa compreendemos – logo no primeiro parágrafo da Apresentação – que estamos, sim, perante um verdadeiro manifesto em prol da actividade científica desenvolvida nesse domínio, sim, mas exclusivamente no seio da Universidade Complutense de Madrid.

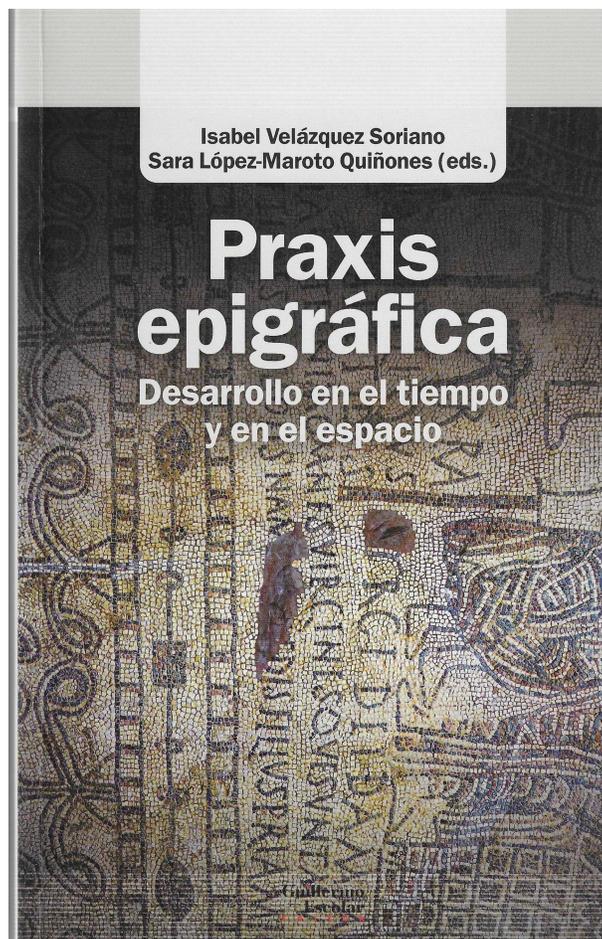
Explicita-se, de facto, que esta «nova colecção de estudos relacionados com a Epigrafia», agora iniciada, tem como intenção servir «de medio de transmisión de los numerosos estudios e investigaciones que en dicha materia tienen lugar en el seno de la Universidad Complutense de Madrid», considerada «en la actualidad uno de los principales centros de la investigación epigráfica en nuestro país, con una intensa actividad, tanto en la Facultad de Geografía e Historia como en la de Filología, con la existencia de dos Grupos de Investigación consolidados que han hecho de la Epigrafía uno de los principales objetos de investigación».

Congratulamo-nos. Primeiro, por o editor Guillermo Escolar ter aceiteado o desafio; depois, porque – como as páginas do volume demonstram – há multifacetada panóplia de temas ali minuciosa e mui eruditamente tratados, em boa hora subvencionados no quadro de projectos superiormente aprovados pelo Governo. Dir-se-ia que – finalmente! – os responsáveis governamentais compreenderam a importância capital que as inscrições representam e sempre representaram no âmbito da Cultura e da Política.

Permita-se-me, no entanto, que conte uma história. Apresentei, no Congresso Internacional de Epigrafia de Sófia, em Setembro de 1987, uma singela comunicação a que dei o título de «Importante iniciativa em curso em Portugal». No final, em fugaz comentário de corredor, um grande amigo disse-me, em tom irónico: «Ficámos a saber que era **importante**». Claro, ao publicar o texto, a primeira atitude que tive foi retirar a palavra «importante», porque, de facto, não me competia a mim atribuir essa qualificação, mas sim aos demais.

Ocorreu-me de imediato este caso, que jamais esqueci, perante o que vi nesta obra. Um manifesto, repito. Ficamos a saber que, na Complutense, a Epigrafia ocupa lugar de relevo. Já o sabíamos, aliás, desde que o saudoso Júlio Mangas (cujo nome não consta, porém, no *index personarum* das p. 705-709), depois de ter defendido a sua tese de doutoramento (*Esclavos y Libertos en la España Romana*, Salamanca, 1971), se lançou, incentivado pelo grande Mestre José María Blázquez, no projecto de editar a *Hispania Epigraphica*, um 'parto' bem difícil, que tive oportunidade de acompanhar e cujo 1º volume, relativo a 1989, só conseguiu ver a luz do dia, após longa gestação, sob a chancela da Dirección de Cultura, organismo oficial que figurará como editora até ao nº 4 (1994); só a partir do nº 5 (1995) o Servicio de Publicaciones da Universidad Complutense passará a ser o editor!

Figura 1. Capa



Desengane-se, pois, quem pensar que neste livro pode vir a saber doutras iniciativas epigráficas levadas a cabo quer em Espanha quer noutros países. Aliás, ocorre-me agora uma passagem que se me afigura elucidativa nesse aspecto. Enrique Paredes Martín considerou um «encargo indirecto» a frase de Vasco Mantas sobre a urgência em «publicar [...] o catálogo de miliários da Lusitânia ou, pelo menos, do território português da província» (p. 334); e, por isso, não esteve com meias medidas: aceitou o repto e: «nos lanzamos finalmente a la elaboración de un catálogo de miliarios romanos de la *Lusitania*: el *Corpus Miliariorum Lusitaniae (CML)*» (*ibidem*)! Nem sequer lhe terá passado pela cabeça a hipótese de esse *corpus* poder estar a ser feito – e, porventura, já em estado avançado de execução. Não parece, pois, ser esse (de partilha) o espírito da obra. Interessou foi dar a conhecer o que ali se está a fazer.

E a multiplicidade dos temas tratados aí está a provar essa intenção abrangente. Estão incorporados em 5 capítulos: Época Antigua (Grecia), Época Antigua (Roma), Antigüedad Tardía y Edad Media, Humanismo y Renacimiento; *Corpora* Epigráficos e Bases de Datos. Assim, não é apenas a Península Ibérica que é abordada. Há, por exemplo: um texto sobre o Egipto Ptolemaico; o estudo duma inscrição falsa reabilitada do Museu Arqueológico Nacional de Veneza; a análise dos poemas escritos por Angilberto, abade laico do mosteiro beneditino francês de Centula / Saint-Requier; inscrições medievais de Bari, na Itália, relacionadas com a benemerência; e, até, um estudo preliminar da tabuinha de ouro da imperatriz Wü Zétiān, da época da dinastia chinesa Tang (anos 690-705).

Multiplicidade temática e, também, amplitude cronológica, uma vez que, como se elucida logo na p. 7, ao apresentar a colecção *Epigraphica Complutense*, o objectivo é «publicar trabalhos inéditos sobre epigrafia e

transmissão epigráfica, não apenas grega e latina, mas também de qualquer outra língua e cultura em que se haja desenvolvido o hábito epigráfico, desde a Antiguidade até à Época Moderna».

À partida, também pode suscitar curiosidade o último capítulo, sobre os *corpora* epigráficos e as bases de dados, porquanto constituem imprescindível instrumento de apoio para a investigação epigráfica e são já bastantes as iniciativas de excelência em curso nesse domínio, a começar pela própria *Hispania Epigraphica on line*. Mas não, o título pode induzir em erro: não há nenhuma panorâmica nesse sentido, mas apenas a referência ao projecto da Complutense CLEO (*Carmina Latina Epigraphica Online*) e ao projecto, também da Complutense, *Ad optime Hispaniae títulos edendum*, que visa «recopilar, digitalizar e publicar todos os materiais gerados por Hübner e seus correspondentes / colaboradores no século XIX para a publicação do CIL II e seu suplemento», documentação conservada em Berlim, projecto financiado por uma entidade bancária.

Um volume densíssimo, é bem de ver, tendo os autores mui cuidadosamente usado notas de rodapé e apresentado extensas bibliografias para documentarem, como é hábito, as suas afirmações. Não deixará, todavia, de causar admiração o texto de Daniel Rico, em que, pela primeira vez na minha vida, encontro alguém que consegue escrever um único parágrafo a ocupar inteirinho duas páginas mais duas meias (p. 421-424)! ...

* * *

1) Gostei de ler as reflexões de Concepción Fernández Martínez (p. 630-632), quando aplica aos monumentos epigráficos as palavras «publicidade, promoção e propriedade», por desempenharem, de facto, um «objectivo publicitário». À excepção das *tabulae defixionum*, por exemplo, escondidas para contacto exclusivo com as divindades invocadas, todas as epígrafes se destinam a ser lidas, comentadas, apreciadas – no seu tempo e depois, porque a sua mensagem, em material duradouro, visa a perpetuidade. Por esse motivo, a paginação – a *ordinatio* – desempenha em cada texto um papel fundamental, nem sempre tido em consideração pelos investigadores; mas Concepción Fernández não o olvidou (p. 631).

Note-se, por outro lado, a chamada de atenção de Vincent Debais (p. 475-494) em relação aos textos medievais: «Há inúmeros textos que, embora públicos na sua concretização, não permitem transmitir uma mensagem de maneira compreensível» (p. 475). Um aspecto a ter em conta, de facto.

2) Como a inscrição visa o futuro, não há no texto, habitualmente, uma indicação cronológica. Um dos meios usados pelos epigrafistas para sugerir uma datação é, em consonância com outros, a paleografia, partindo-se do princípio que houve hábitos paleográficos que estiveram de moda em determinadas épocas. Seja, pois, curioso observar o que escreveu Elisabeht Menoir Natal (p. 515-532): ao analisar as inscrições do século XV de Toledo, concluiu pela 'diversidade gráfica', ou seja, o uso da gótica maiúscula perdurará mesmo quando a minúscula já está de uso.

3) Num futuro volume da colecção, será recomendável melhor qualidade gráfica das imagens, relevante complemento que são do que se escreve. Requer-se maior definição. Uma fotografia como a da p. 344 ou a da 640 ou não se incluem ou se tentam melhorar.

4) Interessante a reflexão de Manuel Ramírez Sánchez sobre o facto de, na época renascentista, ter havido a preocupação de imitar o desenho dos caracteres patentes nas inscrições romanas (p. 553-581). Apresenta testemunhos do Museu de Évora, da igreja de S. Francisco do Porto ...

5) No que concerne à actividade de Hübner (p. 635-670), decerto os autores vão alargar futuramente o seu campo de acção, saindo um pouco do 'casulo' da Complutense, para darem conta de outras iniciativas já feitas nesse âmbito. Recordo, v. g., a comunicação, de Patrick Le Roux, «Émile Hübner ou le métier d'épigraphiste», *Épigraphie Hispanique*, Paris, 1984, p. 17-31. Permitir-se-me-á que releve o interesse em ler com atenção os comentários que o próprio Hübner fez em relação a cada um dos autores e, também, no começo de cada capítulo do *Corpus*. E, para além da correspondência com Leite de Vasconcelos (na p. 668, vem citado erroneamente apenas Vasconcelos) – que o malogrado Pedro Correia Marques deu a conhecer na sua tese de doutoramento e já não teve oportunidade de melhorar com vista a eventual publicação – há

correspondência de Hübner com Martins Sarmiento, Estácio da Veiga, Borges de Figueiredo, que tem sido publicada.

6) Na verdade, serão escassas as contribuições portuguesas citadas neste volume, em relação às quais se mantém, de resto, o problema de os autores espanhóis desconhecerem que, em Portugal, o nome do pai é o último apelido e é por esse que os autores devem ser citados. Assim, é Marques (Pedro Correia) e não Correia Marques (Pedro). Cada vez mais as referências bibliográficas – tendo em conta a constante utilização da Internet, onde a exactidão minuciosa é factor fundamental – requerem, de facto, a maior atenção.

7) Sendo uma obra de consulta, louve-se a inclusão de índices, por constituírem precioso auxiliar. As editoras optaram por incluir neste volume o índice das inscrições citadas, identificando-as (mediante preciosas tábuas de relação), nos respectivos *corpora* que se mostram enumerados por ordem alfabética, ou nos locais onde se encontram (também ordenados por ordem alfabética – Bari, Évora, Murcia, etc.); o índice de manuscritos, por ordem alfabética das instituições onde podem ser consultados; e o das fontes literárias antigas referidas nos textos.

Fora do comum é o que se designou *Index Personarum* (p. 705-709). Primeiro, porque invulgarmente estruturado pelo 1º nome da pessoa (Alessandro Maurelli, v. g.); depois, porque, além das pessoas 'comuns' (digamos assim), aí se inseriram à mistura os das personagens patentes em inscrições romanas, estando estas referidas com o nome completo: *Acilia Plecusa*, por exemplo. Um critério que seguramente vai merecer revisão.

Ora veja-se: Alessandro Maurelli vem referido na pág. 253, como proprietário duma casa; nessa mesma página, outros proprietários se mencionam ('i fratelli Giovan Benedetto e Francesco Colocci'), que não figuram nesse *index*, assim como Leonardo Botta (p. 237). Por seu turno, *Acilia Plecusa* consta como dedicante, em *Singilia Barba*, de 7 inscrições (e não apenas 3, como se refere na p. 170) – CIL II² 5 780-782, 784, 795, 796 e EDCS 74200229; ora, na página seguinte (171), faz-se menção de *Iunia D. f. Rustica*, que não figura no *index*, tal como acontece (pesquisa aleatória, sublinhe-se) com o *famulus Dei Florentinus*, citado na p. 299 e com imagem do seu epitáfio na p. 200.

* * *

Em suma, ficou cabalmente demonstrado o intenso labor epigráfico que, em muito boa hora, está a ser levado na Universidad Complutense de Madrid.

De muito louvar.

Fruto de longa gestação, prosseguirá a sua senda de velas desfraldadas, não há dúvida. Na certeza de que – quer em mar de bonança quer em eventual risco de tempestade – os seus timoneiros saberão contactar as demais embarcações que, no mesmo pélago, também há muito tempo navegam.